



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Sob bombardeios, central atômica de Zaporizhzhia é desligada da rede elétrica da Ucrânia, em incidente pelo qual Moscou e Kiev se acusam. Especialistas admitem ao **Correio** o perigo de uma catástrofe radioativa e defendem monitoramento da instalação

Desconexão de usina nuclear eleva tensão

» RODRIGO CRAVEIRO

Maxar Technologies/AFP - 19/8/2022



Imagem de satélite mostra a central atômica de Zaporizhzhia, em Enerhodar, região controlada pela Rússia: combates no local assustam o planeta

A Energoatom, operadora de energia nuclear da Ucrânia, denunciou que Zaporizhzhia — a maior usina nuclear da Europa — foi totalmente desligada da rede elétrica do país. Moscou e Kiev se acusaram mutuamente pelo incidente, que aumenta o risco de superaquecimento dos dois reatores em atividade e de vazamento de radiação. “Os dois reatores em funcionamento da central foram descontactados da rede. Em consequência, as ações do invasor causaram a desconexão total (da central de Zaporizhzhia) da rede elétrica, pela primeira vez na história”, anunciou a Energoatom. Sob bombardeios nos últimos dias, a instalação, situada no sudeste da Ucrânia, sofreu um êxodo de funcionários, por medo das explosões. Ainda segundo a operadora, focos de incêndio causados pelos disparos de mísseis e foguetes forçaram a desconexão em duas ocasiões, após afetarem a quarta e última conexão entre os seis reatores.

O governador local Yevgeny Balitsky, nomeado por Moscou, que controla a região, responsabilizou o Exército da Ucrânia pelos ataques contra a usina, sob ocupação de forças russas desde o começo de março. O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, advertiu que a Europa enfrentou a perspectiva de uma catástrofe nuclear e afirmou que a operação em segurança da central somente foi possível graças à eletricidade de reserva. “A Rússia colocou a Ucrânia e todos os europeus a um passo de um desastre radioativo”, avisou.

Os Estados Unidos classificaram como “inaceitável” qualquer tentativa da Rússia de desviar energia da Ucrânia. “A eletricidade produzida ali pertence legitimamente à Ucrânia e qualquer tentativa de desconectar a usina da rede elétrica ucraniana para direcioná-la a áreas ocupadas (pela Rússia) é inaceitável”, afirmou o porta-voz do Departamento de Estado, Vedant Patel.

Ele alertou que nenhum país deve transformar uma usina nuclear em uma zona de guerra.

“Preocupante”

“A desconexão temporária de Zaporizhzhia da rede é um desdobramento preocupante. Assim como em todas as usinas atômicas, o material nuclear nos reatores de Zaporizhzhia e nas piscinas de resfriamento de com-bustível usado é tão radioativo que gera seu próprio calor; por isso, deve ser constantemente resfriado”, explicou ao **Correio** o britânico Ross Peel, gerente de transferência de conhecimento e pesquisa do King’s College London e pós-doutor em energia nuclear. Sem o resfriamento, de tão quente o material pode derreter ou se incendiar. “Ambos cenários podem fazer com que, potencialmente, o material radioativo escape para o meio ambiente.”

De acordo com Peel, o resfriamento ocorre por meio do bombeamento de água fria através do reator e das piscinas de resfriamento. “Sob circunstâncias normais, as centrais de energia nuclear utilizam parte da eletricidade gerada para fazer funcionar as bombas. Se a usina é desligada para manutenção, ou devido a algum problema, a eletricidade é extraída das linhas de energia conectadas à rede. Se essas linhas não funcionam, o backup final é feito por uma série de geradores a diesel altamente protegidos”, explicou. “Com a desconexão, Zaporizhzhia ficou temporariamente em uma situação na qual uma das opções de backup — a energia externa — não estava disponível. Por isso, foi preciso recorrer aos geradores a diesel. Sem outras alternativas para resfriar a usina, aumenta o chance de um desastre. Na área nuclear, nunca operamos sem

uma reserva para sistemas críticos de segurança.”

Diretor de Política Sênior do Centro para Controle de Armas e Não Proliferação (em Washington), John Erath afirmou ao **Correio** que a desconexão da energia do equipamento de resfriamento do reator pode ser uma medida perigosa. “Infelizmente, não sabemos exatamente o que está ocorrendo ou quais perigos existem realmente, pois monitores internacionais não foram autorizados a visitar Zaporizhzhia”, lamentou. “Isso deveria ser feito o mais rápido possível, a fim de que tenhamos uma visão clara dos riscos potenciais.”

Erath demonstrou cautela sobre o incidente em Zaporizhzhia, ao citar que os relatos sobre a desconexão partiram das fontes russas. “Isso significa que existe algum tipo de agenda política em jogo. Provavelmente, ao responsabilizar a Ucrânia pelo

bombardeio perto da usina, a Rússia utiliza isso como desculpa para desligar Zaporizhzhia da rede elétrica. A meta provável é negar à Ucrânia a energia gerada pela central nuclear, que responde por 20% da eletricidade total consumida pelo país.” Um eventual corte de energia causa preocupação também pela proximidade do inverno, que começa em novembro.

A Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) considerou a situação em Zaporizhzhia como “altamente volátil”, a qual “evidencia o perigo real de um desastre nuclear”. “Quase todos os dias há um novo incidente em Zaporizhzhia ou perto dela. Não podemos mais perder tempo. Estou determinado a liderar uma missão da AIEA à central, nos próximos dias, para ajudar a estabilizar a segurança nuclear”, declarou Rafael Mariano Grossi, diretor-geral da AIEA.

Palavra de especialista

Ameaça real à saúde humana

Ross Peel

“Estou profundamente preocupado de que Zaporizhzhia seja uma ameaça real à saúde humana. A ação militar no entorno da central torna isso muito mais provável. Acredito que ninguém fará um ataque deliberado à usina de uma maneira que cause liberação de radiação, mas acidentes acontecem. Mísseis e projéteis de artilharia podem cair em locais errados. Vimos uma situação recente, quando um míssil atingiu um ponto a apenas 20m de uma área de armazenamento de material usado. É algo muito sério. Se houvesse um escape de radioatividade, as ameaças seriam difíceis de se prever. O risco dependeria de muitos fatores: da quantidade de material radioativo liberado; do tipo de mistura de elementos radioativos; da força de ejeção desse material (quão alto ele escapa); da influência do clima (o vento e a chuva); da área afetada e de sua população. O material nuclear pode viajar grandes distâncias, e ter grandes efeitos sobre o povo, a infraestrutura e o meio ambiente.”

Gerente de transferência de conhecimento e pesquisa da King’s College London e Ph.D. em energia nuclear

David Tett



IGREJA CATÓLICA

Francisco empossa 20 cardeais

Com dificuldades para caminhar e com sinais de fragilidade por causa da idade, o papa Francisco empossará, amanhã, 20 novos cardeais — 16 deles com direito a voto no conclave, o processo de escolha do sucessor ao Trono de Pedro. A medida ocorre em meio aos boatos de que o argentino Jorge Mario Bergoglio poderia renunciar ao pontificado. Aos 85 anos, Francisco convocou todos os cardeais do mundo para uma reunião inédita de dois dias, que acontecerá logo após a “criação” dos 20 novos “príncipes da Igreja”.

Dedicada à reforma da Constituição Pontifícia, aprovada em março e em vigor desde 5 de junho, a convocação de quase 300 cardeais é uma espécie de pré-conclave, durante o qual será feito um balanço da Igreja após quase uma década de liderança do papa latino-americano.

A reunião provocou muitas especulações, em particular sobre o estado de saúde do papa, que passou por uma cirurgia no cólon, em 2021, e sofre com dores no joelho direito que o impedem de caminhar e o obrigam a usar uma cadeira de rodas.

Francisco não descartou a possibilidade de renunciar diante das dificuldades de saúde, como admitiu no fim de julho aos jornalistas que acompanharam sua viagem ao Canadá. “Mudar de papa não seria uma catástrofe”, declarou, antes de explicar: “Não pensei nesta possibilidade, mas isto não quer dizer que depois de amanhã não vou pensar. (...) A porta está aberta.”

Com a posse dos cardeais, Francisco incluiu na lista de possíveis sucessores religiosos procedentes das periferias do mundo, certamente mais abertos, menos acostumados às intrigas da Cúria

Romana. A relação inclui nomes do Brasil, Paraguai, Índia, Singapura, Mongólia e Timor Leste. Na lista de 16 cardeais com menos de 80 anos e, portanto, direito a voto em caso de conclave pela renúncia ou morte do papa, estão três latino-americanos: dois brasileiros — Leonardo Ulrich Steiner, arcebispo de Manaus, e Paulo Cezar Costa, arcebispo de Brasília — e um paraguaio, Adalberto Martínez Flores, arcebispo de Assunção.

Vaticanista

Thomas Reese, analista do Religion News Service, afirmou ao **Correio** que Francisco escolheu 63% dos cardeais eleitores que terão a incumbência de apontarem um sucessor. “Por um lado, Francisco tem reiterado que se sente bem e que não pensa, atualmente, em se aposentar. Por

Filippo Monteforte/AFP



O papa abençoa fiéis durante a tradicional audiência-geral, anteontem, no Vaticano: boatos sobre renúncia

outro lado, disse que seguirá o exemplo de Bento XVI e abandonará o posto, caso fique doente ou não seja capaz de desempenhar o seu trabalho. O papa fará 86 anos em dezembro. É natural que as pessoas pensem sobre o que pode ocorrer a ele”, explicou.

Reese lembrou que “cardeais são importantes por escolherem o próximo papa, quando o pontífice se aposenta ou morre”. “Eles aconselham o papa sobre grandes temas que afetam a Igreja. Ser um cardeal confere ao bispo um status extra em seu país”,

disse. Em relação à sucessão, o vaticanista acredita que aquelas pessoas que gostam de Francisco rezam pela boa saúde dele e anseiam por um papa parecido. “Aqueles que não o apreciam rezam para que o próximo pontífice seja mais conservador.”